

O dia em que o moço Estácio de Lima chegou à Bahia para estudar Medicina (*)

Antonio Carlos Nogueira Britto

Vice-presidente do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, fundado em 29 de novembro de 1946

Quinta-feira, amanhecer do dia 3 de fevereiro de 1916.

Estava demandando à barra da Baía de Todos os Santos, em mar glauco, o provecto e afadigado vapor nacional “Bahia”, do “Lloyd Brasileiro”, procedente de Manaus, “com escala por Pará, Maranhão, Ceará, Natal, Cabedello, Pernambuco e Maceió”.

O experimentado “lupus maritimus”, que timonava o paquete, deu uma ordem para a máquina e o ofego dos êmbolos tornou-se menor e o ruído dos motores amorteceu. A fragrância que exalava do hálito do mar, impregnava todo o navio.

A madrugada dealbara de uma pureza acrisolada e uma claridade de encantadora formosura alumiaava o céu azul-ferrete, sem nuvens para embuça-lo, doirando toda a paisagem da entrada da barra, dissipando as brumas matinais e desnudando as formas da elegante e mimosa cidade da Bahia.

O vapor-escape do paquete silvou longamente e, mais tarde, o bater de hélice cessou e um grosso calibre foi atado ao molhe. Uma aragem fria, da balsâmica viração da manhã, cortou e perpassou a face dos viajores, que anelavam pelo momento de saltar em terra, porquanto alguns, fracos e descorados, esverdinhadados do rosto, padeciam de estuação pelo marulho.

Os viageiros, errando pela tolda, de lés a lés, num bulício de gente, abraçavam-se, apertavam-se as mãos e beijos chilreados de despedida eram trocados.

A sereia de bordo berrou e, no portaló, foi arriada a ponte passadiça pelos mareantes.

A amarragem do paquete “Bahia” foi feita sem tardança, pois naquela manhã, gloriosa e consoladora, não havia outros navios vindos do Sul do Norte, atopetados de gente a ser posta em terra. Apenas algumas sumacas e alvarengas faziam companhia ao velho “Bahia”, que iria levantar ferro, depois da demora necessária, para Vitória e Rio de Janeiro, tão logo recebesse carga e passageiros de 1ª, 2ª e 3ª classes.

Os viajantes desceram a escada do portaló e formaram uma fila, algaraviada, de prendadas senhoras e senhorinhas, com caixas de chapéus e de homens e rapazitos, com malas nas mãos, notando-se alguns cavalheiros, elegantes no trajar, verdadeiros “dandies”, empunhando badines.

Saltaram em terra 63 passageiros, incluindo 20 militares de um contingente do exército, além de 4 infantes.

Do Pará desembarcaram 31 viajantes; 14 do Maranhão; 6 de Pernambuco e 12 das Alagoas.

Em fila, os passageiros se encaminharam em direção ao “Commisariado de Policia do Porto” e foram atendidos por pachorrento amanuense que, dispersivo, assuntava as passagens e mais papéis.

Sobre uma escrivaninha, de Gonçalo Alves, jazia, aberto, alentado livro assaz ponderoso, contendo 200 folhas numeradas, rubricadas pelo escrivão Alfredo Theotônio Leão Velloso, que escreveu o termo de abertura e, com a data de 24 de abril de 1914, é assinado pelo delegado César Gambetta Moreira Spinola e servia para o registo dos passageiros entrados no porto da cidade da Bahia.

Chamado pelo amanuense, à sua frente, carregando as roupas emaladas, postava-se um pulcro e galhardo mancebo, de média estatura, airosamente aprumado, de enérgico ânimo juvenil, esbelto de corpo, vigoroso e dotado de maneiras resolutas e fidalgas, irradiando a graça de máscula juventude.

Sua harmoniosa cabeça apolínea era coifada por sedoso cabelame castanho claro. Fronte serena, olhos pardos e cismadores, animados por vivo olhar, penetrante e franco. Nariz plasticamente proporcionado e estético. Lábios finos e bem delineados, onde se debuxava a sombra de um buçozinho. Dos seus lábios, tinha-se a impressão de que nunca se apagaria o fulgor de tênue sorriso.

O amanuense molhou a pena e começou a escrevinhar na página 125-v: “ESTACIO VALENTE LIMA” e assinalou a coluna correspondente à nacionalidade: “brazileira” e marcou no espaço referente à procedência: “Maceió”. Ao depois, pousou um pedaço de papel mata-borrão sobre as

anotações.

Omitiu o funcionário escrevente, como, de resto, o fizera com o assentamento dos demais passageiros, a averbação, nas colunas respectivas do grande e volumoso livro, dos dados referentes à idade, estado civil e profissão.



Findo o seu registo de entrada, o rapaz Estácio Luiz Valente de Lima, natural da atual cidade de Marechal Deodoro, antiga Alagoas, outrora capital do estado homônimo, nascido a 11 de junho de 1897, filho do desembargador Luiz Monteiro de Amorim Lima e da virtuosa senhora D. Maria de Jesus Valente de Lima, começou, na pujança dos seus 18 anos, a despedir-se dos companheiros de viagem, vindos de Maceió. Comovido, abraçou “Serzedello Corrêa, José Aranha Falcão, José Peixoto, José de Oliveira Lima, José Lopes Ferr.^a Lima, Maria Menezes, Maria Lopes Menezes, Carolina Menezes, José Magadon, Nicolau Ambrósio e Antonilla Izabel de Sá”.

Os ganhadores, que se amesendavam nos bancos, bocejando o seu ócio, já se achavam azafamados com as malas dos viajantes. Logo o cais descoalhou-se de parênteses de gente que o pejava, os últimos fulgores e rumores abafaram-se, os autos rolaram e deixaram o seu paradiro e as redondezas, as coloniais casarias, as praças, as ruas, ruelas e ladeiras corcovadas assumiram um aspecto morrinhento.

Apenas seis anos após a chegada a esta capital, daquele moço das Alagoas, a Bahia médica quedou-se fascinada, quando o doutorando Estácio de Lima, perante a Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, defendeu primorosa tese para obter o grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas, da Cadeira de Patologia Geral, a 29 de outubro de 1921, e que versava sobre “Introdução ao Estudo da Agonia”, aprovada com distinção.

Calou fundo no âmago do meu espírito ao perlustrar, já em 1959, e recentemente, a notável obra. São belos os seus enunciados. – Sobre a velhice: “(...) À invernia da alma, corresponde, sempre, a névoa da cabeça.” Sobre a morte: “(...) O fraco, o imbelles, o imbecil, no transe mais sério da vida, sem encontrar resistência, acobarda-se; o forte, digno dos dias que viveu, olhando bem de perto a cessação do tudo, reage dignamente, suffoca os gritos instintivos da alma e se entrega aos braços da morte, vencido porem não convencido, nem amedrontado.”

E sobre a agonia: “(...) Tão triste quanto a morte, tão remota quanto a vida, é a história da agonia. Triste, porque o agonizante vae morrer e remota porque a vida e a morte se confundem na história, como são inseparáveis na biologia.”

Segunda-feira, 9 de março de 1959, às 16 horas e 15 minutos. Dia da minha primeira aula de Medicina Legal. Dia em que conheci, mais de perto, o afamado lente Estácio de Lima. Encantou-me sobremodo a sua aula, a 29 de abril de 1959, em derredor do tema “Tanatologia Forense”. Comoveu-me, ademais, a homenagem prestada, a 16 de março do dito ano, no suntuoso anfiteatro Alfredo Britto, ao catedrático Evaldo Altino, professor pernambucano de Medicina Legal, falecido repentinamente em Recife. Consoante o mestre Estácio, “sua morte representa considerável perda para a ciência brasileira, pois Evaldo era um mestre de alta competência, dignidade admirável e dedicação ao ensino.”

A minha escabreção, deveras acentuada, impediu-me de acompanhar, mais próximo, o augusto mestre. Não importa. Conheci-o e admirei-o, como, de resto, toda a turma, além dos seis doutorandos repetentes, mercê dos rigores do ensino da disciplina.

Descobri que no seu excelso coração pulsavam, sempre, fibras valentes: as do afeto, as da honra, as da imortalidade. Foi um grande espírito e um grande caráter, inteligente e ativo, de uma bondade sem limites e de uma afabilidade imperturbável.

NOTAS

(*) Para homenagear a memória do imortal mestre Estácio de Lima, no azo do aniversário do seu nascimento, a 11 de junho de 1897, está sendo divulgado este trabalho de pesquisa, em derredor de ligeiras facetas da sua vida, por meio do prestigioso “e-fameb”, boletim informativo da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, da Universidade Federal da Bahia – Ufba.

A mesma matéria foi originalmente publicada em 11 de junho de 1997, no livro “Depoimentos – Um Século de Estácio de Lima” – DBC Artes Gráficas – Salvador, Bahia – 1997 – pp. 21-23.

A sobredita obra foi organizada pela Profa. Dra. Maria Theresa de Medeiros Pacheco e contém coletânea de depoimentos de assistentes, ex-alunos, amigos e admiradores do Professor Estácio.

Esta matéria pode também ser encontrada em Britto, Antonio Carlos Nogueira – “*A Medicina Baiana nas Brumas do Passado*” – *Arquivos do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins – Séculos XIX e XX – Aspectos Inéditos* - Contexto e Arte Editorial; Governo da Bahia – Secretaria da Cultura e Turismo – 2002 – pp. 339-342

Fonte Manuscrita Original

Arquivo Público do Estado da Bahia – Seção de Arquivo Republicano – “Commissariado de Polícia do Porto – Registro de Entrada de Passageiros” – Volume nº 14 (26/04/1914 a 25/11/1916). Páginas 125-125-v.

Biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia – Memorial da Medicina Brasileira – Cadernetas relativas às disciplinas do 5º ano médico – 1959.

Fonte Impressa

Tese apresentada e sustentada perante a Faculdade de Medicina da Bahia por Estácio Luiz Valente de Lima, no dia 29 de outubro de 1921, “afim de obter o grau de doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas”.

Dissertação: “Introdução ao Estudo da Agonia” – (Trabalho do Laboratório do Hospital do Isolamento – Mont Serrat) – Cadeira de Pathologia Geral.

Bahia – Imprensa Official do Estado – Rua da Misericórdia nº 1- 1921 – pp. 7 e 144.